

A FIGURA DA MULHER EM NARRATIVAS LÍRICAS DE RUBEM BRAGA: A MELANCOLIA

Luciana Reny Marinho Ipuchima¹

RESUMO: O presente estudo volta-se a expor a presença da melancolia em narrativas líricas de Rubem Braga, exclusivamente ao que se refere à figura da mulher, tema muito frequente nas crônicas do escritor. Pretende-se, por meio do tema, enfatizar o estado de melancolia predominantes em seus textos. Sendo assim, recorre-se a uma pequena introdução sobre o gênero crônica, a breve biografia do autor e seu estilo. Em seguida, adentra-se à temática melancolia para fazer as devidas interpretações dos textos: *Ao crepúsculo, a mulher; Madrugada; Rita; a trilogia: Os Teixeiras moravam em frente; As Teixeiras e o futebol; Vingança de uma Teixeira*. Ressalta-se que o referido estudo é parte da dissertação de Mestrado em Letras, intitulada *Representação da mulher no olhar do cronista Rubem Braga*, onde o primeiro aspecto interpretado nos textos do referido cronista foi a melancolia.

PALAVRAS-CHAVE: figura da mulher; Rubem Braga; melancolia.

ABSTRACT: The present study tends to expose the presence of melancholy in Rubem Braga's lyrical narratives, to the one that the figure of the woman refers exclusively, a very frequent subject in the chronicles of this writer. It is intended, through the theme, to demonstrate the predominant state of melancholy in his texts. Therefore, a small introduction on the chronic genre is being used, the brief biography of the author and his style, after that it enters the theme melancholy to make the appropriate interpretations in the following texts: *At twilight, the woman; Dawn; Rita; the trilogies, The Teixeiras lived in front of; The Teixeiras and the soccer; Revenge of a Teixeira*. It is pointed out that the mentioned study is part of the dissertation of linguistics Master degree, entitled *Representation of the woman in the view of the chronicler Rubem Braga*, where the first aspect interpreted in the texts in the mentioned chronicler was the melancholy.

KEYWORDS: figure of the woman; Rubem Braga; melancholie.

INTRODUÇÃO

A crônica alcançou gradativa evolução literária através do tempo. Ao pesquisar a definição etimológica observa-se que a palavra crônica tem sua origem no grego, *Krónos*, de onde surge o termo *chronikós* que é relacionado a tempo. No latim, a palavra está associada aos fatos e registros históricos. Este último conceito foi durante a idade média o significado mais contundente para a crônica. Ao contrário do que se compreende como crônica literária na contemporaneidade, o termo conservou significado de escrita do tempo presente em sua própria etimologia. Nos dias atuais, a definição de “escrita do tempo” ainda prevalece em alguns idiomas, em oposição ao gênero que se consagrou no Brasil e em alguns países, sobretudo,

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM 2018, na área de estudos literários. Professora da SEDUC-AM (Secretaria de Educação). E-mail: Irenymarinho@gmail.com

como literatura. A crônica não se manteve restrita aos registros históricos, mas conseguiu ficar próxima aos fatos e acontecimentos cotidianos. Em geral, a crônica desde o século XIX diz respeito à parte do jornal destinada à exposição de um assunto particular do meio social e urbano. O que se compreende por modernização da crônica no Brasil é seu caráter urbano adaptado aos diversos ambientes sociais. Ainda que seja um gênero não nascido no Brasil, como tantos outros, moldou-se bem às necessidades e relatos diários com o advento da Imprensa Brasileira do século XIX. Sua origem é Europeia; para fins informativos, sabe-se que a primeira crônica foi publicada em 1799 no *Journal de Débats* (Jornal de debates) em Paris. Hoje, ao que se pensa, este gênero é tão brasileiro pela sua elevação e intimidade junto aos cronistas e leitores. É necessário ressaltar que a imprensa jornalística fixou a crônica neste meio para reconhecimento e difusão, acrescentando apenas o caráter efêmero típico das demais matérias do jornalismo. Porém, ao adquirir hibridismo e transitoriedade de publicação entre o jornal, a revista e, mais recentemente o livro, a crônica brasileira moderna alcançou sua posição de destaque e autonomia, tornando-se texto literário. Assim, compreende-se a crônica como literatura produzida com base nos fatos simples do dia a dia, geralmente com dimensão curta e linguagem simples; moldada exclusivamente ao leitor sujeito à pressa da modernidade. Sua autonomia persiste na contemporaneidade a partir destas feições básicas, mas seu caráter híbrido a enriquece. O lirismo adquirido no Brasil foi um traço específico que em muito contribuiu para a modernização deste gênero no espaço literário. Basta compreender que a crônica em sua força lírica penetra de forma psicológica e social através dessa intimidade envolta pela literatura. Embora a crônica tenha alcançado gradativa autonomia na literatura brasileira existe certa ambiguidade em conceituá-la, pois este gênero possui diversidade estética. Tal diversidade é o que revela seu caráter literário em relação às diversas possibilidades formais. Para citar apenas alguns exemplos, temos a crônica narrativa, a crônica-poema em prosa, a crônica informação, a crônica urbana, entre outras molduras classificadas pela crítica.

Várias são as tentativas de classificação da crônica por parte dos críticos que se dispuseram estudá-la em diferentes concepções. Todavia, sua ausência de estrutura fixa e sua flexibilidade ao hibridismo levou tal desafio aos críticos que se dispuseram classificá-la em diferentes tipos.

Afrânio Coutinho (2004) leva em consideração os estilos predominantes em cada cronista Brasileiro, o que lhe serve de base à classificação nos diferentes tipos. Desta maneira, segundo o crítico cinco são os tipos de crônicas no contexto literário:

a) Crônica narrativa, cuja história ou episódio gira em torno de um eixo e aproxima-se ao conto, sendo que o principal exemplo deste tipo é Fernando Sabino;

b) Crônica metafísica, direcionada às reflexões ou meditações filosóficas, na maioria dos casos. Seus principais representantes são Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade;

c) Crônica poema em prosa, de conteúdo lírico e mero extravasamento da alma do artista frente suas divagações pessoais ante o espetáculo da vida em seu redor, como: paisagens, natureza e episódios carregados de significado. É o caso de Rubem Braga e Manuel Bandeira, para citar os mais clássicos;

d) Crônica-comentário, voltada aos diversos acontecimentos. Exemplos deste tipo são as crônicas de Machado de Assis e José de Alencar que, como bem afirmou Eugênio Gomes “um bazar asiático”, por serem diversificadas em conteúdos;

e) Crônica informação, voltada à divulgação e comentários de fatos, sendo menos pessoal, porém, próxima ao estilo anterior;

Para tanto, estas tipologias, segundo a classificação de Afrânio Coutinho leva a afirmar que “essa tentativa de classificação não implica o reconhecimento de uma separação estanque entre os vários tipos” (COUTINHO, 2004, p. 133). Dessa forma, o estudo da crônica possibilita buscar sempre novas classificações, visto sua natureza flexível e a mobilidade de hibridização.

No caso do cronista Rubem Braga, soube acrescentar a poesia entranhada no cotidiano através de vários aspectos, como por exemplo, a melancolia, tema estudado neste artigo.

1 Rubem Braga: breve biografia

Rubem Braga se consagrou na literatura brasileira essencialmente como cronista. Em suas crônicas, inovou destacando o valor significativo das coisas mais simples do cotidiano, retirando delas a essência.

Um escritor com ofício no Jornalismo, mas designado por muitos críticos como “cronista-poeta” teve uma trajetória diversificada. Com vistas nesse aspecto, faz-se um breve parêntese para descrever sucintamente sua biografia, para posterior direcionamento do estudo.

Rubem Braga (Cachoeiro do Itapemirim no Espírito Santo, em 12 de Janeiro de 1913 a 13 de dezembro de 1990), fez seus estudos primários em sua cidade e o curso Jurídico no Rio de Janeiro e Belo Horizonte (1932). Cedo se dedicou ao Jornalismo, como cronista e repórter. Trabalhou como Jornalista em vários estados. Fundou a revista *Diretrizes*. Viajou largamente pelo país e pelo estrangeiro como repórter, inclusive como correspondente na cobertura da guerra junto à FEB-Itália. Dentre os mestres da crônica brasileira, Rubem entrou para a história escrevendo apenas crônicas e conseguiu elevar este gênero literário considerado menor para

alguns críticos. Soube acrescentar na crônica brasileira o lirismo poético e os traços do coloquialismo, presentes no movimento modernista de 1922. Suas primeiras publicações datam, oficialmente, de 1928, porém, com apenas 15 anos de idade, Braga publicou pela coluna Correio de Maratimba, referente ao Jornal Correio do Sul, onde o irmão Newton Braga foi um dos fundadores. A partir de 1932, Rubem ingressou definitivamente no Jornalismo, destacando-se como cronista e repórter em várias redações do país.

Todavia, a partir da evidência de sua vida nômade, e como cronista profissional, afirmava: “Raramente na minha vida escrevi alguma coisa que não fosse publicada no dia seguinte” (CARVALHO 2007, p. 240). Através desta afirmação, percebe-se o quanto o escritor dedicou-se exclusivamente ao exercício do jornalismo, em especial da crônica, sem recusar fazer de seu ofício diário uma realização. Cronista de mão cheia, não hesitava em evidenciar a vida em suas diversidades do dia a dia, principalmente a partir de fatos banais que se tornavam reflexões na visão lírica do escritor Capixaba.

2 A ideia de melancolia

O termo melancolia vem do latim (*melancholia*) e está associado, em termos gerais, à dor e tristeza. Seu estudo encontra fundamentações em Aristóteles como descrição de um estado ou sentimento. Enquanto estado da alma pode levar à loucura, mas também à produção literária, como se observa nos textos do filósofo, do político e do poeta. No caso do poeta predomina a evasão na arte, já que a bile negra proporciona por um lado um animismo positivo direcionado à criação poética.

Também está relacionada ao temperamento², visto que os humores são resultantes de uma disposição humana.

No problema XXX.I, na obra *O homem de gênio e a melancolia*, Aristóteles relaciona a bile negra como origem deste estado ou sentimento predominante nos diversos tipos de conhecimento, questionando:

Por que razão todos os que foram homens de exceção, no que concerne à filosofia, à ciência do Estado, à poesia ou às artes, são manifestamente melancólicos, e alguns a ponto de serem tomados por males dos quais a bile negra é a origem [...]. (ARISTÓTELES, 1998, p. 81).

² A disposição do homem a comportar-se duma maneira ou outra, conforme a mistura particular dos humores que compõem seu corpo (ABBAGNAND, 1969, p. 908).

A explicação para o questionamento está na própria origem (a bile negra), visto que o temperamento humano é o resultado das misturas e efeitos deste líquido no organismo, de onde decorrem os diversos caracteres: melancólicos, coléricos, filantropos, dentre outros que se pode constatar nos temperamentos. Comparada ao efeito do vinho que gera uma exceção no indivíduo, a mistura decorrente da bile negra desencadeia um grande número de caracteres correspondentes ao temperamento humano, dentre os quais, a melancolia.

Na literatura, a melancolia relacionada ao temperamento do autor propicia a produção e o desenvolvimento de um tema que possa ser atraente desde o ponto de vista estético ao ponto de vista do leitor. Como estado de alma ou sentimento, a melancolia presente nas crônicas de Rubem Braga evoca em maior parte reflexos de lamentações e tristeza por algo que se esgotou ou está se esgotando. Assim, dentre as diferentes figuras de mulheres há possibilidade de se reconhecer o tipo de representação feita pelo cronista, como por exemplo, em relação à melancolia, abordada neste estudo.

3 A efemeridade da beleza física

Inicia-se com a análise da crônica “Ao crepúsculo, a mulher”, um exímio retrato do estado de melancolia do narrador em relação ao envelhecimento da mulher, mas de forma saudosista. O título é uma metáfora alusiva ao fenômeno natural ocorrido com o pôr do sol, “o crepúsculo”, que se relaciona com o estado atual de envelhecimento na mulher.

Esta crônica é classificada na tipologia metafísica, pois se observa que a mulher envelhece do mesmo modo que no final do dia acontece *o pôr do sol*. Este momento de singela beleza (o pôr do sol) leva à comparação com o corpo da mulher, mostrando nele a velhice e a beleza decorrente:

Ao crepúsculo, a mulher bela estava quieta e me detive a examinar a sua cabeça com a atenção e o extremado carinho de quem fixa uma flor. Sobre a haste do colo fino estava apenas trêmula: talvez a brisa do mar; talvez o estremecimento de seu próprio crepúsculo. Era tão linda assim, entardecendo, que me perguntei se já estávamos preparados, nós os rudes homens destes tempos, para testemunhar a sua fugaz presença sobre a terra. (BRAGA, 1967, p. 61).

Reflexões e meditações referentes à figura da mulher que envelhece, mas não perde a beleza são feitas do início ao final da crônica como saudosismo. Também é possível classificá-la como um poema em prosa pela emoção lírica do narrador ao descrevê-la, argumentando ou

inserindo-a sempre em novas contemplações, como a postura inicial caracterizada pelos adjetivos: “bela e quieta”, o que o leva a examiná-la em seguida como uma flor. Outro traço de lirismo decorrente do poema em prosa é a contemplação da figura da mulher frente a outros elementos descritos, como seu “corpo trêmulo e a brisa do mar”. Embora o narrador afirme que esta figura de mulher esteja no crepúsculo, o que significa fase de envelhecimento, ainda permite louvá-la em sua beleza constante. Neste quadro de imagem contemplativa, o narrador tomado pela melancolia argumenta a partir de uma visão particular, elevando-a na plenitude de beleza que se esgota, pois a grandiosidade se revela fugaz frente ao tempo e à vida.

Walter Benjamin ao se referir aos poemas de Erich Kastner, em ensaio intitulado “Melancolia de Esquerda” esclarece que: “esse poeta é insatisfeito, mesmo melancólico. Sua melancolia, porém, é rotineira. Pois estar sujeito à rotina significa sacrificar suas idiossincrasias, abrir mão da capacidade de se enojar. E isso torna as pessoas melancólicas” (BENJAMIN, 2012, p. 78). Se esta é uma das associações para a melancolia no contexto literário, então, compreende-se o melancólico em seu princípio particular como articulador junto a uma opinião social que emerge no presente. Neste caso, o autor poeta se expressa nos fatos ou meios cotidianos, argumentando ideias subjetivas: “foram precisos milênios de luta contra a animalidade, milênios e milênios para se obter esse desenho delicado e firme” (BRAGA, 1967, 61). Diante deste novo argumento, prevalece seu pesar sobre a dimensão do tempo em face da imagem da mulher esgotando-se no presente, onde só resta lamentação ao narrador como testemunho do sentimento ilustrado na figura da mulher em face de suas virtudes de beleza e grandiosidade anterior.

No final do primeiro parágrafo apresenta possibilidade de descrições eróticas da mulher não só por se referir às partes do corpo, mas pela deformação adquirida: “Depois os ombros são subitamente fortes, para suster os braços longos; mas os seios são pequenos, e o corpo esgalgo foge para a cintura breve...” (BRAGA, 1967, pp. 61-62). Possivelmente, o corpo da mulher já não é tão belo ou perfeito, uma consequência encontrada, todavia, no envelhecimento. Estas evidências na crônica de Rubem Braga são estudadas por Davi Arrigucci no ensaio de 1987, “Braga de novo por aqui”, onde esclarece haver um estilo plástico na crônica de Braga com um apelo material ao erotismo. Tais evidências podem ser classificadas como ressonâncias simbólicas na prosa de Rubem Braga, visto que para Arrigucci a crônica de Braga possui uma materialidade significativa que se concretiza formando a imagem no presente. Embora a visão do autor se revele pelo envelhecimento da mulher, ainda consegue enxergar aspectos do que ela foi no passado:

A forma do vaso sagrado não se repetirá nestas gerações turbulentas e talvez desapareça para sempre no crepúsculo que avança. Que fizemos desse sonho de deusa? De tudo que fizemos só lhe ficou o olhar triste, como diria o pobre António poeta português. O desejo de alguns a seguiu e a possuiu; outros ainda se erguerão como torvas chamas rubras, e virão crestá-la, eis ali um homem que avança na eterna marcha banal. (BRAGA, 1987, p. 62).

A alusão feita a algum dos versos do poeta Português Antônio³ é o que enfatiza mais a tristeza do narrador sobre a figura da mulher, pois ainda observa a grandeza presente, chegando a designá-la como um vaso sagrado que talvez não venha a existir no dia de amanhã para aqueles que não a viram. O narrador lamenta muito seu desaparecimento e a conseqüente perda para todos os homens que não souberam admirar sua figura como uma deusa.

O penúltimo parágrafo remete ainda às reflexões sobre a existência feminina, criada pelas mãos de Deus em perfeita harmonia: “ele faz e refaz sem cessar suas figuras, porque o erro e a desídia dos homens entorpecem suas mãos” (BRAGA, 1967, p. 62). Relacionando este trecho ao anterior, que a conceitua como “vaso sagrado”, a figura da mulher alude ao texto bíblico de Gênesis sobre a criação da mulher como figura idônea: “esta será chamada mulher” (GÊNESIS, 2.23). Através desta relação percebe-se a perfeição e empenho como foi formada desde a criação divina, “um vaso sagrado”. Percebe-se que o narrador segue constatando as feições femininas mediante o envelhecimento que encontra vitalidade junto ao mar como sinônimo de evanescente e eterno para então concluir: “Mas para que despetalar palavras tolas sobre sua cabeça? Na verdade não há o que dizer; apenas olhar, olhar como quem reza, e depois, antes que a noite desça de uma vez, partir” (BRAGA, 1967, p. 63). Diante da situação do retrato feminino, considerada no crepúsculo ou envelhecimento humano, o narrador adquire consolo final ao eternizá-la na inexistência de palavras que expliquem seu perfil de beleza e virtude e, por isso relembra o término da tarde como forma de consolo para o estado melancólico diante da figura da mulher que envelhece.

Finalizando a análise da crônica “Ao crepúsculo, a mulher” depara-se como conceito formulado por Jorge de Sá em seu livro *A crônica*: “há no livro uma atmosfera de perplexidade diante da inevitável corrosão do tempo, na sua cumplicidade com a morte” (SÁ, 2004, p. 84). Este conceito direciona-se à coletânea que abriga a mesma crônica de Rubem Braga, “Ao crepúsculo, a mulher...”. Assim, a figura da mulher pode ter o mesmo direcionamento conotativo encontrado no título do livro; de que o tempo é o principal agente que consome as

³ António Nobre (1867-1900), nascido na cidade Portuguesa do Porto publicou uma única obra em vida, intitulado *Só*, onde poetizou a vida de maneira assolada pela morte. Tudo em decorrência de um exílio em Paris, onde surge o sentimento de tristeza diante da vida que lhe desaparece.

peças e coisas. Compreende-se que o ser humano é perecível com o passar dos tempos, o que se aproxima a este retrato de mulher por se tratar do envelhecimento humano. Portanto, neste texto o narrador deixa observações profundas ao leitor sobre a questão real de sua melancolia ao representar uma mulher saudosista, de uma beleza que permanece mesmo diante da consumação do tempo em seu corpo físico e material.

3.1 A melancolia da perda do amor

A crônica intitulada “*Madrugada*” é uma narrativa próxima ao conto. Nela o narrador conta o episódio de um sonho em que via a figura de uma mulher bela direcionando-lhe o olhar e a atenção. Apesar de não ser possível compreender sua fala neste sonho, o narrador a descreve em seus gestos remetendo o leitor à possível interpretação de um amor perdido:

Todos tinham ido, e eu dormi. Mesmo no sonho, me picava, como um inseto, a presença daquela mulher. Via os seus joelhos dobrados; sentada sobre as pernas, na poltrona, descalça, ela ria e falava alguma coisa que eu não podia perceber, mas era a meu respeito. Eu queria me aproximar; ela e a poltrona recuavam, passando sobre outras luzes que brilhavam em seus cabelos e em seus olhos. (BRAGA, 1997, p. 25).

É possível compreender que o narrador esteja descrevendo a cena do sonho com base na realidade anterior, pois pressupõe que estava acompanhado antes de dormir. Talvez a cena do sonho seja idêntica a que passou com as pessoas que tinham ido. A expressão “aquela mulher” deixa explícito ser alguém conhecido dele ou com características já vistas, por isso o alvo do relato na crônica é a imagem deslumbrante desta mulher que transparece em um possível ambiente de festa:

E havia muitas vozes, de homens e de outras mulheres, ruídos de copos, música. Mas isso tudo era vago: eu fixava a jovem mulher da poltrona, atento ao jogo de sombra e luz em sua testa, em sua garganta, nos braços: seus lábios moviam-se, eu via os dentes brancos, ela falava alegremente. Talvez fosse alguma coisa dolorosa para mim, eu percebia trechos de frases, mas ela estava tão linda assim, sentada sobre as pernas, os joelhos dobrados parecendo maiores sob o vestido leve, que o prazer de sua visão me bastava. (BRAGA, 1997, p. 25-26).

No trecho citado, a fugacidade resgata uma cena para simbolização do momento. O narrador relata uma visão que dura no instante através do relance de ideias que lhe sobrevém

ao descrever os gestos no retrato da mulher. Tal descrição imagética leva o leitor à interpretação de um deslumbre visual diante de uma figura que reacende no instante em que sonha:

uma luz vermelha corou seu ombro esquerdo, desceu pelo braço como uma carícia, depois chegou até o joelho. Eu tinha a ideia de que zombava de mim, mas ao mesmo tempo isso não me doía, sua imagem tão viva era toda minha, de meus dois olhos, e isso ela não me negava, antes parecia ter prazer em ser vista, como se meu olhar lhe desse mais vida e beleza, uma secreta palpitação. (BRAGA, 1997, p. 26)

A quebra da ênfase ou do monumental na crônica, de que fala Antonio Candido em seu ensaio “*A vida ao rés do chão*” pode ser considerada neste trecho, pois seu sonho não ultrapassa mais que a “bela visão da mulher”, que não chega a aproximar-se dele, apenas fala. Uma aparição imagética que embora direcione o leitor a uma expectativa de envolvimento amoroso com a mulher não chega a acontecer porque não ultrapassa mais que a visão dela no sonho que chega ao fim. O narrador complementa a conclusão ao acordar: “mas todos tinham sumido. Ergui-me, fui até a varanda, já era madrugada” (BRAGA, 1997, p. 26). Todos, se refere às pessoas que via no sonho, contrário ao início da crônica: “todos tinham-se ido”, direcionado a todos que estavam a sua volta antes de dormir. Através do relato de um sonho o restabelecimento atual se interpõe em reflexões perceptíveis de uma provável vida solitária ao contemplar a natureza local. Talvez seja a ausência de uma mulher em sua vida que desperte o desejo dele. Assim, a representação desta mulher pode ser compreendida como a de um amor perdido ou abandonada, visto que todo o deslumbramento do narrador provoca uma sensação de lamento frente à imagem de uma bela mulher perdida no tempo em que se dá o seu sonho.

A próxima crônica analisada a partir da ideia de melancolia como efemeridade da beleza física intitula-se “Rita”. Este texto é também relato de um sonho que leva o autor a supor as possíveis virtudes na figura de uma mulher que talvez pudesse ser sua filha: “No meio da noite despertei sonhando com minha filha Rita. Eu a via nitidamente, na graça de seus cinco anos” (BRAGA, 1997, p. 91). O apelo do cronista à imagem de Rita como sua filha pode ser uma idealização que se junta ao sonho para retratar um momento fugaz. Este momento se manifesta não só para descrevê-la em sua beleza física de idade infantil como na seriedade ao encarar a vida: “Rita ouvindo música; vendo campos, mares, montanhas; ouvindo de seu pai o pouco, o nada que ele sabe das coisas, mas pegando dele seu jeito de amar – sério, quieto, devagar” (BRAGA, 1997, p. 91).

Este retrato ainda se junta em outra perspectiva de idealização do cronista, como ensinar-lhe a admirar outras coisas: frutas, amar bichos tristes, o córrego e a nuvem tangida.

Através das coisas mais simples vividas na presença de Rita, o narrador se libertaria de sua melancolia. Porém, este estado de ânimo é rompido ao afirmar: “Minha filha Rita em meu sonho me sorria – com pena deste seu pai, que nunca a teve” (BRAGA, 1997, p. 92). Percebe-se a predominância do estado melancólico mediante um sonho (um ideal ou objetivo) não concretizado. Assim, o significado da crônica “Rita” transmite em seu instante de esplendor, a possível representação de um amor paternal não concretizado, levando também a classificar a figura da mulher como a de um amor que se perdeu.

3.2 Humor sobre as mulheres melancólicas

As crônicas que compõem a trilogia “*As Teixeira*” são classificadas como narrativas em forma de contos, pois o eixo está direcionado a episódios de cunho fictício dos possíveis fatos e peripécias acerca da infância do narrador personagem. Na primeira parte “*Os Teixeira moravam em frente*” o narrador personagem expõe a postura conservadora desta família ao relatar: “para não dar o nome certo digamos assim: os Teixeira moravam quase defrente lá de casa” (BRAGA, 1967, p. 26). O direcionamento fictício é exposto como forma subjetiva na descrição. Descreve o tradicionalismo (lado patriarcal) ao afirmar: “não tínhamos nada contra eles: o velho, de bigodes brancos era sério e cordial e às vezes até nos cumprimentava com deferência” (BRAGA, 1967, p. 26). Além do tradicionalismo patriarcal, o humor é enfatizado pela imagem das mulheres caseiras (*As Teixeira*), possivelmente mulheres solteiras que ficam de espreita em cada uma das janelas da casa:

Mas havia as Teixeira. Quantas eram, oito ou vinte, as irmãs Teixeira? Sei que era uma casa térrea muito, muito longa, cheia de janelas que davam para a rua, e em cada janela havia sempre uma Teixeira espiando. Havia umas que eram boazinhas, mas em conjunto as irmãs Teixeira eram nossas inimigas, acho que principalmente as mais velhas e mais magras. (BRAGA, 1967, p. 26).

Pela descrição do estado emocional destas personagens (as irmãs Teixeira) percebe-se que a melancolia é predominante nestas mulheres de vidas vazias que procuram se incomodar em demasia com as crianças. Desta forma, surge a impaciência e implicância com a diversão infantil ao que o narrador remete: “elas não compreendiam que em uma cidade estrangulada entre morros, nós, a infância, teríamos de andar muito para arranjar um campo de futebol; e portanto, o nosso campo natural para chutar a bola de borracha ou de meia era a rua mesmo”

(BRAGA, 1967, p. 27). Assim, na primeira parte o humor recai na figura das mulheres com este aspecto melancólico descrito pelo narrador personagem.

Na segunda parte, “*As Teixeira e o Futebol*” se dá a depreciação pelo futebol, visto que representava uma ameaça para as janelas de vidro da casa e o silêncio ao redor. No trecho a seguir, o narrador relata a proposta feita por uma das Teixeiras para o afastamento do jogo da direção residencial. Uma ideia que foi rebatida por um dos meninos do time: “Um dia ela nos propôs a jogar mais para baixo, então o Juquinha foi genial: “Não, Senhora, lá nós não podemos porque tem a Dona Costanza doente”, desculpa notável e prova de bom coração de nosso time” (BRAGA, 1967, p. 30). No final da segunda parte são feitas queixas à mãe que não se manifesta e não parece se incomodar devido o amor materno:

As queixas que algumas Teixeiras faziam em nossa casa eram muito bem recebidas por mamãe, que lhes dava toda razão – “esses meninos estão mesmo impossíveis” –, uma das vezes nos transmitiu essas queixas sem convicção. De outra feita, como a conversa lá em casa versasse sobre as Teixeiras, ouvimo-la dizer que fulana e sicrana (duas das irmãs) eram muito boazinhas, muito simpáticas, mas beltrana, coitada, era tão enjoada, tão antipática, “ainda ontem esteve aqui, fazendo queixa de meus filhos.” (BRAGA, 1967, p. 31).

Mesmo com todas as reclamações do jogo de futebol das crianças, a figura materna é representada como protetora, um instinto que faz a divisão entre a questão com os vizinhos e o afeto pelo filho. A oposição das vizinhas Teixeiras com o futebol é o agravante que gira em torno desta trilogia, onde o leitor enxerga a infância como uma fase de vida imatura, onde os meninos descobrem o mundo e se aventuram a conquistá-lo pelo destemor e inconsequência diante dos fatos inesperados.

Finalizando esta trilogia, a crônica intitulada “A vingança de uma Teixeira” encerra com o clímax direcionado à quebra do vidro de uma das janelas da casa e o corte da bola com um canivete:

[...] apareceu logo uma das Teixeiras, e gritou várias descomposturas. Ficamos todos imóveis, calados, ouvindo sucumbidos. Ela apanhou a bola e sumiu para dentro da casa. Voltou logo depois e, em nossa frente, executou o castigo terrível: com um canivete preto furou a bola, depois cortou-a em duas metades e jogou-a à rua. (BRAGA, 1967, p. 33).

Apesar de ficar uma mágoa nas crianças pelo encerramento triste de seu jogo de futebol na rua, o leitor atento visualiza o transtorno de personalidade das Teixeiras e seus desajustes emocionais e morais mediante a diferença de faixa etária em relação às crianças. As atitudes

das Teixeiras são ignoradas pelo próprio pai que apesar da aparência do siso moral, da severidade e proteção às filhas não é um homem carrasco, nem mau, embora tenha a patente de coronel.

Concluindo a interpretação desta trilogia compreende-se que a figura da mulher neste caso é conservadora com tendência à melancolia, daí a implicância e impaciência com as crianças. Suas permanências no lar, a maior parte do tempo, levam estas mulheres à espreita do inusitado. A antipatia e a insensibilidade evidenciam os traços de personalidades quanto ao jogo de futebol das crianças. A disputa pelo silêncio e zelo pelas vidraças da casa é mais um ponto melancólico da fragilidade das Teixeiras, como se formasse uma caricatura da bruxa que persegue os menores a fim de se vingar, conforme relatado na última crônica da Trilogia “A vingança de uma Teixeira”. Subentende-se o amor materno como a proteção e apoio ao jogo de futebol; uma esperança viva e motivacional para divertirem-se sem sofrer algum tipo de coerção. O humor no texto é devido à postura das mulheres da família Teixeira que são adultas, mas fragilizada emocionalmente, mulheres que vivem na casa e aparentam não ter um ofício próprio ou estado civil de casadas e por isso buscam uma projeção em vigiar as crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao destacar a figura da mulher em narrativas líricas de Rubem Braga, observa-se os entrelaces de melancolia em relação à efemeridade da beleza física da mulher como forma de cultivar a poesia presente em sua figura. Enquadradas na categoria de poema em prosa, as crônicas que trataram da melancolia a partir do viés de beleza física destacam a figura feminina de maneira a evocar um certo louvor à vida. Por outro lado, as crônicas analisadas pelo viés do humor sobre as mulheres melancólicas são classificadas como crônica conto, evidente pelo reconhecimento de uma trilogia e principalmente a estrutura textual narrativa. Em relação a esse humor predominante nas mulheres melancólicas percebe-se a extensão do tema, sobretudo pela postura narrativa assumida pelo eu cronista, que narra sucessivamente os fatos, fazendo uma espécie de biografia que se expande de modo a enxergar a figura da mulher em uma determinada época com seus costumes e tradicionalismo. Ademais, estas narrativas líricas de Rubem Braga que revelam a melancolia do eu cronista em relação à figura da mulher, contribuem em sua rica produção e legado literário que enriquece a crônica brasileira, principalmente no que se refere à poesia acrescentada a esse gênero textual, que abrange uma diversidade de temas, a exemplo da figura da mulher, em muito abordada pelo cronista Rubem Braga, não somente como exaltação, mas como forma de louvar a vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES, 384-322 a.C. **O homem de gênio e a melancolia**: o problema XXX. 1 – Trad. Jackie Pigeaud. Rio de Janeiro, Lacerda Editores, 1998. Tradução de: L'Homme de génie et la mélancolie.

ARRIGUCCI, Davi Jr. Braga de novo por aqui. In: **Enigma e comentário**: Ensaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BENJAMIN, Walter (1892- 1940). **Melancolia de Esquerda**. In: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Traduzido por Sérgio Paulo Rouanet. 8ª ed. Revista. São Paulo: Brasiliense, 2002 (Obras Escolhidas, v.1).

BÍBLIA. **Gênesis**, Como Deus criou a mulher. 2, 23. Português. A Bíblia Sagrada. 3ª ed. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Caetano do Sul: Scripturae, 2015.

BRAGA, Rubem. **A traição das elegantes**. Rio de Janeiro: Sabiá, 1967.

BRAGA, Rubem. **O verão e as mulheres**. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

CARVALHO, Marco Antônio de. **Rubem Braga**: um cigano fazendeiro do ar. 1913- 1990. São Paulo: Globo, 2007.

MELO E SOUSA, Antonio Candido de. **A vida ao rés do chão**. In para gostar de ler: Crônicas. v. 5. São Paulo: Ática, 2003, pp. 89-99.